


O TRABALHO HÍBRIDO DOS JORNALISTAS E AS REIFICAÇÕES DO CAPITALISMO COMUNICATIVO¹

THE HYBRID WORK OF JOURNALISTS AND THE REIFICATIONS OF COMMUNICATIVE CAPITALISM
EL TRABAJO HÍBRIDO DE LOS PERIODISTAS Y LAS COSIFICACIONES DEL CAPITALISMO COMUNICATIVO

Rafael Bellan Rodrigues de Souza

Doutor em Ciências Sociais pela Unesp, mestre em Comunicação pela Unesp e jornalista formado pela Unesp. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) rafaelbellan@yahoo.com.br.

 0000-0003-0165-2927

Correspondência: Av. Fernando Ferrari, nº 514, Campus de Goiabeiras, Centro de Artes, Edifício Cemuni V, CEP: 29075-910 - Vitória-ES, Brasil.

Recebido em: 14.03.2023.
Aceito em: 16.05.2023.
Publicado em: 02.06.2023.

RESUMO:

O trabalho híbrido surge como nova modalidade para muitos jornalistas. Este artigo busca refletir sobre como as engrenagens digitais do capitalismo comunicativo invadem as esferas de produção e reprodução da vida dos jornalistas em escala global, demonstrando como formas de trabalho à distância, consolidados no laboratório pandêmico de experimentos tecnológicos, intensificam processos de reificação na vida cotidiana dos trabalhadores. O encontro entre a atividade produtiva reificada e o consumo fetichista parecem dar-se as mãos no território digital do metabolismo do capital. O trabalho híbrido dos jornalistas expressa as contradições desse consórcio.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho dos Jornalistas; Cotidiano; Reificação.

Introdução

De natureza teórico-conceitual, este artigo busca refletir sobre como as engrenagens digitais do capitalismo invadem as esferas de produção e reprodução da vida dos jornalistas em escala global, demonstrando como formas de trabalho à distância, consolidados no laboratório pandêmico de experimentos tecnológicos, intensificam processos de reificação na vida cotidiana dos trabalhadores - atualizadas na fusão entre vida laboral, espaço domiciliar e tempo livre. Adota-se nesse estudo a perspectiva crítico-dialética, posto que o materialismo histórico nos conduz a investigar as mediações de uma totalidade social e, assim, compreender concretamente as mudanças estruturais pelas quais passa o trabalho dos jornalistas. A abordagem metodológica segue os apontamentos de Mészáros (2009, p. 261) no sentido de atender duas condições: esmiuçar as determinações objetivas do arcabouço estrutural dado na sociedade, com suas contradições e antagonismo predominantes, e a indicação dos traços gerais da alternativa hegemônica do trabalho à ordem estabelecida. Nesse

¹ Uma versão preliminar desse trabalho foi apresentada no XVI Congreso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación em 2022.

ínterim, o método visa cartografar as contradições, mediações e processualidades que compõem uma totalidade em constante transformação, possibilitando alimentar a práxis dos sujeitos históricos, aqueles que fazem a história em circunstâncias que não escolheram (Marx, 2008).

O trabalho híbrido será possivelmente a modalidade imperante para muitos jornalistas. Segundo um relatório do Instituto Reuters (Cherubini, Newman e Nielsen, 2021) o trabalho híbrido, que soma formas remotas e presenciais, será a tônica das redações para os próximos anos. A pesquisa entrevistou 132 líderes da indústria de notícias de 42 países e a grande maioria deles (89%) disseram ser favoráveis ao trabalho flexível e híbrido. Apenas 9% das organizações de notícias planejam remover o trabalho remoto e retornar para o modelo de produção anterior a pandemia da Covid-19. O trabalho híbrido é a modalidade que alterna dias no escritório e dias em casa. Ele surge como o modelo das redações do futuro e já foi adotado por organizações como o maior grupo britânico de mídia, o Reach.

Fígaro et al. (2021) em estudo com 994 trabalhadores da comunicação de 26 estados brasileiros e do Distrito Federal mostrou que o home office traz questões controversas, isso porque mesmo com a aceitação de modalidade de trabalhos a distância, “registram-se inúmeros senões – entre os mais salientados, os adoecimentos por estresse, cansaço mental e o aumento do custo para o trabalho, visto que as empresas não supriram o necessário para a realização das tarefas” (p. 85). O teletrabalho, o trabalho híbrido, remoto, domiciliar, mediados por tecnologias de informação e comunicação, já são uma realidade para um grande conjunto de trabalhadores. A pesquisa do Perfil dos Jornalistas Brasileiros 2021 (Lima, Mick, et al., 2022) revelou que 45,7 % dos trabalhadores concordaram que levavam trabalho para casa com frequência. A flexibilização, informalidade, e a consequente explosão de formas de regulação, bem como a corrosão de direitos, colocam a precariedade do trabalho jornalístico em novos patamares de intensidade.

As transformações nas modalidades de trabalho que afetam os trabalhadores da produção noticiosa são parte das mudanças advindas da expansão da plataformação do trabalho (Grohmann, 2020), que agudiza a subsunção do trabalho em bases que estão se formando há décadas e que se materializam na economia digital, em um modelo com traços de uberização (Abílio, 2017), cujos atravessamentos entrecruzam também as esferas de circulação e distribuição dos produtos. Com o embaralhamento das esferas produtivas e reprodutivas, hibridização do tempo de trabalho e tempo livre, amálgamas entre lazer, consumo e produção, o cotidiano e as relações sociais são escalonados pelas

tecnologias de informação e comunicação (TICs). O trabalho híbrido configura-se como epifenômeno do modus operandi do sistema de metabolismo social do capital, que coloniza a comunicação humana em suas engrenagens tecnológicas. Ele adequa-se a um novo momento da exploração do trabalho, que torna o jornalista um nanoempresário-de-si, “permanentemente disponível ao trabalho” (Abílio, 2017, p. 2).

Capitalismo comunicativo

A noção de capitalismo comunicativo de Jodi Dean (2021) nos fornece um escopo amplo para pensarmos como as plataformas presentes no território digital erigem relações comunicacionais de produção e consumo, redefinindo as formas de trabalho e arquitetando e extraíndo valor da complexificação dos dispositivos na vida cotidiana, embaralhando as práticas de produção e reprodução da vida. O capital subsumiu as formas comunicacionais, explorando e expropriando cada conectividade, atividade e relações humanas desenvolvidas no interior das tecnologias de informação. “O capitalismo comunicativo subsume tudo que fazemos. Ele transforma não só nossas interações mediadas, mas todas as nossas interações, em matéria-prima para o capital” (Dean, 2021, p. 122).

Mais do que aderir às diversas adjetivações do capitalismo, seja pandêmico, comunicativo, digital, de catástrofe, ou outra nomenclatura que tente destacar algum momento predominante do complexo processo de sua dominação social, acreditamos que a questão comunicacional destacada não elimina a dinâmica de luta de classes, por vezes invisibilizada na percepção geral do senso comum sobre suas engrenagens.

Ao mesmo tempo, dadas as mudanças no local de trabalho associadas ao uso ampliado da tecnologia, flexibilização, precarização, e, conseqüentemente, o declínio dos sindicatos, não podemos esperar que a luta de classes no capitalismo comunicativo se dê exclusivamente ou mesmo primordialmente em locais de trabalho definidos de maneira clara. A produção comunicativa em si acontece em todo o campo social. Que uma luta não tome a forma de uma luta clássica no lugar de trabalho, em outras palavras, não significa que não seja uma luta de classes (Dean, 2021, p. 5).

A automação disseminada nos processos produtivos de bens e serviços causa dissonâncias profundas na ordem mundial, e o capitalismo reforça formas de precariedade e de produção de um exército de reserva ampliado (Marx, 2017) que já sinaliza um problema estrutural, denominado por Mészáros (2002) como desemprego crônico. A plataformização das relações sociais edifica a datificação como lógica contábil

que conduz a oferta singular de produtos, serviços, mas também preferências, perfis favoritos, afetos... A incontornabilidade do capital (Mészáros, 2002) encontra no irracionalismo ideológico das redes um aliado para sua produção e reprodução contínua e ampliada. Assim, não há como escapar desse círculo vicioso "(...) sem compreender a natureza precisa da circularidade objetiva do sistema do capital e, como capital personificado, confronta e domina o trabalho vivo, como trabalho objetivado e alienado, torna-se capital e, como capital personificado, confronta e domina o trabalho (...)" (Mészáros, 2009, p. 227).

A tendência não é nova, a base técnica do sistema capitalista tem se desenvolvido nas últimas décadas e se articulado aos movimentos de globalização do capital, às novas formas de gestão do trabalho e à financeirização irrefreável da economia (Harvey, 2018). A rotação do capital, que vai da produção, circulação ao consumo de mercadorias, é acelerada, comprimindo as temporalidades e dilatando os espaços territoriais (Bensaid, 2008). "Economias de aglomeração e configurações eficientes de redes de transporte e comunicações desempenham papéis-chave na redução de tempos de circulação e na retenção de uma maior quantidade de mais-valor para o capital" (Harvey, 2018, p. 133).

O capital desenha o território físico e as relações espaciais adequando-os ao seu imperativo, buscando atender seus impulsos e necessidades tanto na produção quanto no consumo, só que ao contrário da destruição produtiva, sua causa sui incontornável torna-se - na paisagem contemporânea - uma produção destrutiva (Mészáros, 2002). Como diz Antunes (2012) as transformações no plano da organização sociotécnica produziram a reterritorialização e desterritorialização da produção, modificando a divisão internacional do trabalho e do capital. Assim, acreditamos que a transformação tecnológica e organizacional que movimenta a economia global digitalizada é "endógena e inerente ao capital, e não exógena e acidental" (Harvey, 2018, p. 126).

A análise da maquinaria por Marx (2017) mantém-se atual, o território digital compreende e engendra um sistema amplo de cooperação complexa, visto que a figura do trabalhador coletivo ganha uma expressividade ampliada. "A maquinaria (...) só funciona com base no trabalho imediatamente socializado ou coletivo. O caráter cooperativo do processo de trabalho torna-se agora, portanto, uma necessidade técnica ditada pela natureza do próprio meio de trabalho" (p. 459). A fragmentação parcelar de atividades converte-se na tônica da produtividade capitalista no século XXI, chacoalhando as possibilidades múltiplas de divisão do trabalho e extraindo mais-valor de uma morfologia complexa e heterogênea de forças de trabalho disponíveis nas

infovias comunicacionais. É o trabalho vivo explorado e “sugado” pelo trabalho morto concentrado no capital constante, como resumiu tão bem Marx (2017) em O Capital.

O capitalismo comunicativo captura, privatiza, e tenta monetizar a substância social sem esperar por sua cristalização em produtos do trabalho. Ele não depende da coisa-mercadoria [commodity-thing]. Ele explora diretamente a relação social no cerne do valor. As relações sociais não têm de tomar a forma fantástica de mercadoria para gerar valor para o capitalismo. Através das tecnologias de informação e comunicação personalizadas em rede, o capitalismo encontrou uma maneira mais direta de se apropriar do valor (Dean, 2021, p. 121).

Trabalhadores da informação (Neveau, 2010) como os jornalistas foram aviltados no período da pandemia por um experimento em larga escala voltado à testes de eficácia com teletrabalho, trabalho remoto, no âmbito domiciliar. As formas de mídia em rede, e circulações informativas em comunicações globais são fundamentais para a ordem de produção, circulação e consumo de bens, pois “(...) a comunicação fornece o recurso para acumulação, funciona como meio de acumulação e trabalha como uma ferramenta para acumulação (para mineração e processamento de dados comunicativos)” (Dean, 2021, s.p.). A acumulação de capital absorve coágulos de trabalho vivo na sua materialidade, “(...) inserindo-os no tempo social médio de um processo de trabalho cada vez mais complexo” (Antunes, 2018, p. 92).

Dean (2022) aponta que os smarthones articulam engrenagens de trabalho precário, com pessoas proletarizadas produzindo informações para o capitalismo comunicativo. Enquanto alguns compartilham dados, os oligopólios das big techs juntam fortunas. São formas de trabalho penoso, não pago, pago, que constituem, independente de sua aparência imediata, um circuito de exploração.

O conceito de “circuitos de exploração” nos permite reconhecer as redes de comunicação como redes de exploração que conectam o trabalho comunicativo realizado de ponta a ponta no campo social. Sob o regime do capitalismo comunicativo, a maior parte de nós não consegue evitar produzir para o capitalismo. Nossas atividades comunicativas básicas estão inseridas em circuitos como matéria-primas para a acumulação de capital (Dean, p. 31, 2022).

O domínio e primazia da engrenagem digital sobre o trabalho tende a isolar e fragmentar as cadeias produtivas, cada vez mais sob o invólucro de uma individualidade neoliberal, produzindo, nos sujeitos, a percepção de serem unidades produtivas e reprodutivas. Esse processo catalisa uma implosão dos territórios onde ocorrem

tradicionalmente a produção jornalística (redações) e transmuta o trabalho doméstico, tornando-o locus central do trabalho híbrido na contemporaneidade.

Como diz Harvey (2018) algumas práticas de trabalho na economia digital não se diferenciam muito do sistema doméstico de subcontratação do início da manufatura têxtil da Inglaterra do final do século XIX, com pequenas oficinas no espaço do lar. Nada muito distante também das costureiras da Zona Leste da cidade de São Paulo, dos imigrantes bolivianos que realizam trabalhos parcelares para a produção de roupas, em geral lideradas por proprietários de meios de produção coreanos... Tecnologia do século XXI combinada com condições de trabalho do século XIX.

Cotidiano e reprodução: reificações

A explosão do espaço do trabalho coloca a residência como um átomo da “fábrica” digital de produção, circulação e consumo de conteúdos, reposicionando a vida produtiva e reprodutiva como reféns da acumulação capitalista acelerada. “O capitalismo comunicativo inclui tudo o que fazemos. Transforma não apenas nossas interações mediadas, mas todas as nossas interações, em matéria-prima para o capital” (Dean, 2014, p. 6).

O território digital expressa um complexo tecnológico hegemônico pelas big techs do Vale do Silício que agrega a produção e reprodução social, operadas via controle algorítmico – que forja os fluxos para a circulação e gestão das expressões vitais da sociedade capitalista. Trata-se de um espaço contraditório que estrutura de forma reticular a perspectiva centrífuga do capital, congregando a heterogeneidade de formas de vida e trabalho em suas estruturas físicas e virtuais. O território digital arquiteta a circulação de mercadorias, das trocas informativas, mas também das relações sociais e espaciais, visto que atua fortemente sobre a materialidade física das mediações entre humanidade, natureza e espaço territorial. Em seu interior, percebe-se que nesse novo campo da luta de classes há o domínio do capitalismo financeiro, da ideologia neoliberal, do irracionalismo e da barbárie social e afetiva da humanidade, o que leva a ação das classes dominantes a novos patamares. É a turbificação do “capitalismo manipulatório” (Lukács, 2013) em um campo delimitado tecnologicamente, responsável por aglutinar controle, vigilância, captura e indução de comportamentos, voltados unicamente para a reprodução ampliada do capital.

Como a substância do ser social só existe em função de sua reprodução ininterrupta, isso significa que as mutações e renovações trazidas pelo território digital intensificam quantitativamente e qualitativamente os traços dessa substância. Com o

avanço do capitalismo comunicativo nos meandros da esfera reprodutiva, a cotidianidade passa a ser permeada pelas suas articulações. “A esfera da reprodução social se tornou, em quase todos os lugares, o campo de atividades capitalistas altamente intrusivas” (Harvey, 2016, p. 178). O trabalho híbrido mediado por plataformas digitais reescala, mas também explora a energia viva da esfera cotidiana. Isso, porque segundo Heller (2008) é nela que se dá a organização do trabalho e da vida privada, local do lazer, de atividades reprodutivas, esfera particular de condução da repetitividade dos atos necessários à garantia da vida social. Os afazeres mais triviais da existência povoam esse espaço. Mas no sistema do capital o irracionalismo incide nos atos singulares dos homens e impregnam na sua cotidianidade, local em que, “a reificação emerge com clareza como potência socioideológica, inconscientemente criada pelo homem e que, todavia, tem sobre ele um domínio prático-objetivo” (Lukács, 2013, p. 729). A espontaneidade é a tendência da vida cotidiana, e favorece comportamentos motivados pela imediaticidade, apontando soluções efêmeras para os desafios colocados pela continuidade dos processos exigidos pela manutenção da reprodução.

A mercantilização de todos os poros da vida social é uma característica do sistema de metabolismo do capital, mas com o cruzamento de tecnologias digitais que mesclam e hibridizam produção e reprodução, lazer e trabalho, entretenimento e dever, esfumando essas heterogeneidades, vemos uma ampliação do capital na constituição do microcosmo doméstico. Lukács percebe uma “(...) tendência que abrange toda expressão social no sentido de amarrar o homem à sua particularidade, de fixá-lo definitivamente nela, de glorificar esse nível do ser como o único realmente existente e simultaneamente o único desejável enquanto grande conquista social” (2013, p. 716).

O avanço do trabalho híbrido coloca a casa como o espaço produtivo (que disputa o tempo livre com as atividades reprodutivas) construído no território digital do capitalismo comunicativo, um meta-universo comandado pelas big-techs que cristaliza a vida social nas amarras da incontrollabilidade do capital. O capitalismo comunicativo absorve e potencializa a reificação cotidiana, alterando a percepção do trabalhador, cada dia mais aviltado pelo autogerenciamento subordinado (Abílio, 2017) e pela ideologia individualista do homem-empresa. “A vida digital articula-se, difunde-se e naturaliza-se como mercado full time, no qual os indivíduos-mercadorias são empreendedores de si mesmo e ao mesmo tempo a principal mercadoria a ser comercializada” (Lira, 2022, p. 113). Vale lembrar que o fetiche, tabu inquestionável, coloca o estranhamento como um “sistema aparentemente inexpugnável de ideias e sentimentos que apresenta essa

condição como definitiva para os homens, como passível de aperfeiçoamento somente pelo desenvolvimento imanente” (Lukács, 2013, p. 727).

É como se a maquinaria informacional se enredasse nos estranhamentos típicos da vida cotidiana, como a ultrageneralização, o pragmatismo, o economicismo, a analogia precária, os juízos provisórios, entre outros comportamentos (Heller, 2008) e agora os expandisse em progressão geométrica nas suas infovias supervisionadas. Ao mesmo tempo em que os algoritmos perseguem as possíveis lucratividades do trabalho vivo, ele também potencializa os estranhamentos que se manifestam na cotidianidade, ampliando uma ofensiva do capital contra possíveis formas de resistência. Além disso, o metabolismo reinante em tramas digitais coloniza o tempo livre e o transforma em mercadoria. Os estranhamentos aparecem como “(...) um processo socialmente condicionado com os seus espelhamentos na cabeça dos homens que, em consequência da própria reificação, impedem o acesso até as possibilidades de um conhecimento verdadeiro” (p. 728). A cotidianidade estranhada no capitalismo comunicativo centraliza o trabalho híbrido dos jornalistas e será um grande obstáculo para uma vida plena de sentido.

As consequências dessa aceleração da estrutura da vida cotidiana na esfera do trabalho (desenvolvida cada vez mais em seu bojo) parecem abrir ainda mais o flanco da subjetividade para reificações ideologicamente norteadas pelo irracionalismo. Lukács (2013) trata da ampla difusão no espaço e no tempo e os profundos efeitos da reificação como “(...) categoria mediadora do estranhamento sobretudo porque as conexões que vêm a tona nesse processo são apropriadas para continuar concretizando a essência e a ação da esfera que definimos como a ontologia da vida cotidiana” (p. 688).

O intercâmbio entre os seres humanos com a natureza e também entre si são capitaneados pelo que Mészáros (2002) chama de mediações de segunda ordem do capital, estruturalmente antagônicas ao trabalho e sempre alienantes das potencialidades humanas. Essas mediações

(...) constituem um sistema perversamente interbloqueado por reificações materiais e institucionais – a conversão incontrolável das relações sociais em coisas e das próprias coisas alienadas/objetificadas em relações sociais veladamente opressivas – o qual em suas implicações definitivas prefigura a destruição da natureza (e obviamente dos indivíduos humanos com ela) no interesse da dominação fetichista da quantidade expansionista sobre a qualidade que poderia significativamente emergir da necessidade humana genuína (Mészáros, 2009, p. 298).

O encontro entre a atividade produtiva reificada e o consumo fetichista parecem dar-se as mãos no território digital do capitalismo comunicacional. O trabalho híbrido dos jornalistas expressa as contradições desse consórcio, o que não significa um destino inexorável.

(...) os estranhamentos, por um lado, são produtos de leis econômicas objetivas de cada formação concreta, podendo, portanto, ser aniquilados somente pela atividade objetiva – espontânea ou consciente – das forças sociais, mas que, por outro lado, a luta dos homens singulares para suprimir os seus próprios estranhamentos pessoais não precisa permanecer no plano de uma mera atividade pessoal singular socialmente irrelevante, mas pode converter-se numa atividade, cuja influência – potencial – sobre o movimento da sociedade como um todo pode adquirir, sob certas condições, um peso objetivo considerável (Lukács, 2013, p. 777).

Evidente que o culto a autonomia disseminado pela ideologia capitalista nada tem a ver com a perspectiva transformadora, pois o culto ao indivíduo neoliberal simboliza a sua retirada da luta necessária e o desloca para a mistificação da “autonomia individual” e da sua privacidade singular. Essa idealização irracional da autonomia individual se contrapõe à “liberdade universal” (Mészáros, p. 241, 2006). Os problemas que a humanidade enfrenta não resultam da falta de autonomia, mas sim da estrutura produtiva que propaga o culto da individualidade com a finalidade intrínseca de isolar os sujeitos uns dos outros. A percepção de que a individualidade produzida pela fragmentação social - engendrada pela nova morfologia do trabalho - pode superar o estranhamento ignora que o fluxo de transformação deve envolver mais do que o protagonismo privado nas redes da reificação (visto que eles esterilizam a práxis) mas a reciprocidade social fundante de uma nova forma de intercâmbio social.

O capitalismo busca nos separar e nos individualar, a fim de incutir dentro de nós a convicção de que acima de tudo há o interesse próprio, que a liberdade decorre de escolhas individuais feitas visando objetivos individuais. Ele oculta a determinação sistêmica por trás das escolhas e dos resultados, além de esconder o poder que os coletivos tem de romper com esses sistemas (Dean, 2022, p. 316).

Considerações Finais

A questão que se coloca é se o indivíduo “cria a sua própria vida, a sua própria personalidade, ou se ele atribui poderes transcendentais a decisão sobre esse complexo vital” (Lukács, 2013, p. 744). O capitalismo comunicativo manifestado no território digital que penetra na cotidianidade do jornalista em trabalho híbrido parece ter colossais

recursos a seu favor, no sentido de operar o confinamento manipulatório dos sujeitos sociais em uma particularidade reificada. Por outro lado, o fetiche da tecnologia libertária se espalha pela esquerda, acreditando ser possível humanizar o capitalismo sem modificar as bases constitutivas orgânicas do sistema de produção capitalista. Como diz Dean (2022), as "(...) subjetividades fluidas, híbridas e moveis aparecem como loci da liberdade, como se a singularidade delas fosse um atributo natural e não, ela própria, um elemento imposto, inscrito e tecnologicamente gerado a serviço do capitalismo".

Mais do que promover um novo estágio de exploração do trabalho, com ampliação das jornadas de trabalho, corrosão de direitos, perda de status profissional, transferência de riscos e custos, ataque à saúde física e mental, a economia digital cria um território digital que conecta (avançando sobre o tempo livre e o espaço doméstico) as atividades de produção e consumo. O trabalho híbrido sedimenta a esfera da cotidianidade como eixo da produção no capitalismo comunicativo, amalgamando a reprodução social com as tarefas laborais. Flexível, flutuante, o tempo livre é colonizado pela agenda neoliberal, e o cotidiano enfrenta formas de reificação jamais antes vistas. Os trabalhadores são obrigados a se engajar sobre sua própria produtividade, se vendo como um "parceiro" flutuante que troca força de trabalho por algum tipo de renda. O resultado é o enfraquecimento do poder de enfrentamento dos jornalistas com consequente perda de seu potencial transformador.

A reificação que organiza a experiência da classe trabalhadora naturaliza a perda de sentido e consolida a descrença nas transformações sociais necessárias. Há um estranhamento que, mais do que impedir a compreensão do papel histórico do trabalho em uma direção emancipatória, produz formas de sociabilidade e até mesmo de rebeldia distantes do front contra o capital. Os movimentos fascistas, militarizados e os fundamentalismo religiosos violentos ganham progressão geométrica nas infovias irracionais das redes.

A síntese que Harvey (2018) traz sobre os sete momentos da totalidade do capitalismo, cujo motor é a circulação do capital, parece apontar pontos importantes para a estratégia humanista de combate às mediações de segunda ordem: tecnologias, relação com a natureza, relações sociais, modo de produção material, vida cotidiana, concepções espirituais e estruturas institucionais. Alguns deles foram aludidos nesse artigo, de forma articulada. Os desenvolvimentos nesses eixos podem conduzir a totalidade para outra direção. Afinal, a "(...) revolução é um processo contínuo de movimentos que percorre cada um dos diferentes momentos" (p. 117).

Arrastados pela avalanche do home office, os jornalistas devem mirar na reordenação da cotidianidade numa ação moral e política, que busque alicerçar na escala da reprodução social (cuja esfera cotidiana absorve as atividades laborais) uma subjetividade política capaz de organizar coletivamente outro motor econômico, naquilo que Mészáros (2002) acertadamente chama de alternativa hegemônica do trabalho contra o sistema de metabolismo social do capital.

Referências

- Antunes, R. (2012). A nova morfologia do trabalho no Brasil: reestruturação e precariedade. *Nueva Sociedad*. <https://nuso.org/articulo/a-nova-morfologia-do-trabalho-no-brasil-reestruturacao-e-precariade/>
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão*. São Paulo: Boitempo.
- Bensaïd, D. (2008). *Os irreduzíveis: teoremas da resistência para o tempo presente*. São Paulo: Boitempo.
- Cherubini, F., Newman, N., & Nielsen, R. K. (2021). *Changing Newsrooms 2021: hybrid working and improving diversity remain twin challenges for publishers*, Reuters Institute Report.
- Dean, J. (2021). *Capitalismo comunicativo e a forma revolucionária*. Blog da Boitempo, 2021. <https://blogdaboitempo.com.br/2021/06/15/capitalismo-comunicativo-e-a-forma-revolucionaria/>.
- Dean, J. (2021). Capitalismo comunicativo e luta de classes. *Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia*, 0(61), 115-138. Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/46542>
- Dean, J. (2022). *Multidões e Partidos*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- Figaro, Roseli, et al. (2021). Os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19. *Revista Líbero*, 49.
- Grespan, J. (2021). *Marx: uma introdução*. São Paulo: Boitempo.
- Grohmann, R. (2020). Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. *Revista Eptic*, 22(1).
- Harvey, D (2016). *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo.
- Harvey, D. (2018). *A loucura da razão econômica*. Marx no século XXI. São Paulo: Boitempo.
- Heller, A. (2018). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.
- Lima, S. P., Mick, J. et al. (2022). *Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho*. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações.
- Lira, M. (2022). O Príncipe metaverso e a razão: emancipação em tempos de barbárie. *Revista Novos Rumos*, 59(1), 104–130. <https://doi.org/10.36311/0102-5864.2022.v59n1.p104-130>
- Lukács, G. (2013). *Para uma ontologia do ser social II*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Marx, K. (2008). *A revolução antes da revolução*. São Paulo: Expressão Popular.
- Marx, K. (2017). *O Capital – Livro 1*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Mészáros, I. (2009). *Estrutura Social e Formas de Consciência: a determinação social do método*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Mészáros, I. (2002). *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Neveau, É. (2010). As Notícias sem Jornalistas: uma ameaça real ou uma história de terror? *Brazilian Journalism Research*, 6(1).

ABSTRACT:

Hybrid work emerges as a new modality for many journalists. This article seeks to reflect on how the digital gears of communicative capitalism invade the spheres of production and reproduction of journalists' lives on a global scale, demonstrating how forms of remote work, consolidated in the pandemic laboratory of technological experiments, intensify processes of reification in everyday life of the workers. The encounter between reified productive activity and fetishistic consumption seems to hold hands in the digital territory of capital metabolism. The hybrid work of journalists expresses the contradictions of this approach.

KEYWORDS: Journalists' Work; Everyday Life; Reification.

RESUMEN:

El trabajo híbrido surge como una nueva modalidad para muchos periodistas. Este artículo busca reflexionar sobre cómo los engranajes digitales del capitalismo comunicativo invaden las esferas de producción y reproducción de la vida de los periodistas a escala global, demostrando cómo formas de trabajo a distancia, consolidadas en el laboratorio pandémico de experimentos tecnológicos, intensifican procesos de cosificación en vida cotidiana de los trabajadores. El encuentro entre la actividad productiva cosificada y el consumo fetichista parece ir de la mano en el territorio digital del metabolismo del capital. El trabajo híbrido de los periodistas expresa las contradicciones de este consorcio.

PALABRAS CLAVE: Trabajo híbrido; La vida cotidiana; Cosificación.